

“ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBRA LITERÁRIA DE SARAMAGO (1995) E A OBRA CINEMATOGRAFICA DE MEIRELLES (2008)¹

Michelle Pereira da SILVA²

Marlúcia Mendes da ROCHA³

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, BA

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre a obra literária “Ensaio Sobre a Cegueira” de Saramago (1995) e a obra cinematográfica “Ensaio Sobre a Cegueira” – “Blindness” de Meirelles (2008). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Com a realização deste estudo, foi possível concluir que ao adaptar um texto literário para o audiovisual, o diretor não precisa ser completamente fiel à obra, a sua criatividade pode criar inúmeras possibilidades; no caso específico de “Ensaio Sobre a cegueira”, pode-se dizer que Meirelles manteve a essência do enredo de Saramago, mas deixou sua marca e estilo no filme.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Comparativa; Literatura; Cinema; Intertextualidade; Comunicação.

Introdução

José Saramago nasceu em 1922, em Azinhaga de Ribatejo em Portugal, foi um importante escritor, romancista, teatrólogo, poeta e contista. Fernando Meirelles nasceu em São Paulo, em 1955, é um grande cineasta, produtor e roteirista. Ambos premiados e reconhecidos por seus trabalhos. Saramago e Meirelles assistiram juntos ao filme, após o mesmo ficar pronto. E o escritor português disse ao diretor brasileiro que se sentia completamente feliz, assim como se sentiu ao terminar de escrever olivro.

Em toda a obra de Saramago percebe-se o predomínio de temáticas que abrangem injustiças que afetam o ser humano, e as tensões sociais e políticas. Outra característica marcante é a opção pela criação de frases e períodos muito longos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Graduanda em Comunicação Social - Rádio, TV e Internet (UESC). Graduanda em Pedagogia (ISEAT). Graduada em Letras (UESC). Graduada em Geografia (UESC). Especialista em Transtornos Globais do Desenvolvimento e Transtorno do Espectro Autista. Especialista em Tecnologias Educacionais. E-mail: mpsilva.rti@uesc.br.

³ Graduada em Letras (PUCRJ), mestre em Artes Cênicas (ECA/USP), e doutora em Comunicação e Semiótica PUCSP. Profª do Curso de Comunicação Social (Rádio, TV e Internet) e do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da (UESC). E-mail: mmrocha@uesc.br.

Meirelles desejou fazer a adaptação do livro de Saramago assim que o leu. No entanto, não conseguiu comprar os direitos. Anos após, recebeu um convite para dirigir o filme, o que Meirelles considerou como uma das melhores coincidências da vida. Logo ficou claro que se tratava de um processo de criação artística, e não apenas uma técnica ou método de adaptação de um livro para o cinema.

Adaptação cinematográfica de obras literárias

Sabe-se que a literatura e o cinema se relacionam de maneira harmônica e que ambas dialogam numa relação que permite inúmeras possibilidades, visto que em determinados momentos o cinema faz uso da literatura, e em outros, a literatura se utiliza do cinema. A adaptação cinematográfica de uma obra literária é uma forma de traduzir um texto escrito para o texto audiovisual. Ou seja, é uma forma particular de “tradução” que sugere converter em um produto audiovisual as intenções comunicativas da obra literária (FRIZEIRO, 2023).

Numa adaptação é preciso ter cuidado para não deixar buracos, isto é, para que a história seja contada de maneira que se faça compreender, sem evidenciar grandes “saltos”. Ressaltam ainda que a adaptação de uma obra já conhecida implica em uma responsabilidade ainda maior, por ser passível de confrontos (RODRIGUES; ZANINELLI, 2009).

De Saramago a Meirelles - adaptação e intertextualidade

Uma inexplicável cegueira branca, “um mar de leite”, repentinamente toma conta de uma cidade indefinida e se espalha, provocando o caos na comunidade. Um homem é a primeira vítima, estava dirigindo o seu carro, para em um farol e de repente, tudo fica branco. Um grande conflito se forma, pois o trânsito é interrompido e a vida na cidade não pode parar. As pessoas não podem perder seu precioso tempo para observar o próximo, para ajudar. Tudo é muito corrido na vida moderna. Mas a cegueira se espalha rapidamente, forçando todos afetados a parar suas rotinas, e os não afetados a tentar se proteger de alguma forma, por conseguinte, tudo muda.

O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual. O primeiro da fila do meio está parado, deve haver ali um problema mecânico qualquer, [...]. Alguns condutores já saltaram para a rua, dispostos a empurrar o automóvel empanado para onde não fique a estorvar o trânsito, batem

furiosamente nos vidros fechados, o homem que está lá dentro vira a cabeça para eles, a um lado, a outro, vê-se que grita qualquer coisa, pelos movimentos da boca percebe-se que repete uma palavra, uma não, duas, assim é realmente, consoante se vai ficar a saber quando alguém, enfim, conseguir abrir uma porta “Estou cego” (SARAMAGO, 2008, p. 8).

Os afetados são retirados do convívio com as pessoas ainda sãs para evitar a contaminação destes. Um abrigo é improvisado em um antigo manicômio, e ali, pessoas vão sendo aglomeradas, independente de sua condição social. Não importa a profissão, religião, etnia, todos estão num mesmo nível ali. Sem enxergar, limitados e condenados ao isolamento social porque não há explicação, nem uma cura ainda.

De acordo com Silva (2014), ao escrever um livro há uma série de intenções do autor na hora da escolha das palavras e do ritmo da escrita, e ao tentar transpor isso para outra mídia é necessária a realização de uma série de adaptações que venham a permitir que o argumento do livro não se perca no formato fílmico. Fica nítido que no processo de criação e direção de Meirelles se preocupou em considerar e manter as relações iconográficas ligadas às metáforas visuais que são características ao texto de Saramago.

A câmera objetiva e subjetiva no filme permite ao espectador captar as sensações que são descritas no livro. As luzes do semáforo são retratadas, verde amarelo, as imagens de carros velozes, os sons de buzinas e freadas de carros demonstram que a história se passa em uma cidade grande, mas não há nenhuma pista de qual lugar. “[...] trata-se de uma parábola sobre o estado de desorientação do ser humano no mundo contemporâneo e, embora apresente fundo moral, não constitui mera fábula fundada no ‘e se todos cegássemos?’ [...]” (COELHO, 2014, p. 44).

A falta de alimentos e medicamentos, as condições de higiene precárias trazem ao leitor toda a angústia, medo, dor, sentimento de vingança e, sobretudo, o instinto de sobrevivência humano. Tanto no texto literário como no texto fílmico essas sensações são provocadas. É possível dizer que Meirelles capta e traduz do livro as mais diversas sensações, entregando-as ao espectador, como ocorre, por exemplo, com a sua tradução da imagem da cegueira, através do ofuscamento do ambiente e da incidência de forte luminosidade sobre a tela.

Ao descrever a chegada do primeiro cego à sua casa, pode-se perceber a riqueza de detalhes na escrita de Saramago, o que permite ao leitor “mergulhar” na cena. “Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as

próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis” (SARAMAGO, 2008, p. 8). Meirelles consegue explorar a “luminosidade branca” através de estratégias para que o espectador também se sinta desorientado, tais quais os personagens, assim, tem-se imagens mal enquadradas ou desfocadas, aumento de contrastes entre o claro e o escuro, alternância de plano aberto e fechado, imagens nítidas e desfocadas, e também o uso de um repertório musical minimalista.

As personagens não têm nome, todos são apresentados por alguma característica: “o médico, a mulher do médico, o velho da venda preta, o menino estrábico, a moça de óculos escuros, etc.”

No livro, dentro do cenário de caos, a mulher do médico é a única a preservar a visão, que, segundo Coelho (2014) implica em um conceito abrangente que associa o sentido da visão à consciência moral ílesa, no entanto, a partir de Saramago, cabe ressaltar que não cabia à mulher do médico guiar os outros por mero altruísmo ou sacrifício pessoal, mas a conduta da personagem é sustentada por um eixo axiológico que, na narrativa literária, é problematizado como próprio da mulher, que é tida como um ser diferenciado, com um traço idiossincrático de uma pessoa que se difere das demais, aos quais as fraquezas são expostas sem restrição e desnudam os traços mais humanos, desprendidos na situação extrema: a pressão da cegueira e a negatividade espacial do entorno. No filme, o olhar da mulher do médico termina sendo “o olhar do espectador” que vê apenas o que ela vê.

Meirelles consegue passar também a sensação de lentidão da passagem do tempo quando as personagens estão no manicômio, o que se observa através do contraste com a passagem de tempo no mundo exterior. No abrigo lentidão, no mundo exterior velocidade. A deterioração do ambiente e as consequências do mal ao psicológico das personagens também é algo que consegue ser evidenciado no filme, em cenas como a do corredor, por exemplo, em que a mulher do médico vai guiando os cegos e o ambiente a priori é relativamente limpo e organizado, no entanto, com o passar do tempo e chegada de mais cegos, o ambiente fica em estado crítico e a mulher do médico, visivelmente cansada. A mudança no tom das cores e iluminação faz com que a sensação de caos seja percebida. Como por exemplo, o uso da cor

natural no início do filme, depois, o uso de cores desbotadas em tonalidades muito claras.

Quem já conhece a obra literária, recebe o filme como uma forma nova, por causa da criatividade do diretor e do seu estilo de trabalho. Silva (2014), discorre sobre as características da imagem nas cenas do filme, apontando que o mesmo se filme se divide em três partes essenciais: sendo a primeira parte, o início até a chegada do primeiro grupo de cegos ao manicômio; a segunda parte consiste em todo o período de confinamento dentro do abrigo; e a terceira parte se dá a partir da saída do grupo depois do incêndio, com a volta dos cegos guiados pela mulher do médico à cidade. Nota-se para cada parte alterações na imagem sofrerá alterações, visto que Meirelles trabalha os diferentes momentos da ação dos personagens alterando afocalização e a iluminação de cada cena sempre voltada à ação dramática em curso.

Mesmo tendo recebido o roteiro já pronto, Meirelles deixou a sua marca, inclusive também na liberdade de improviso aos atores, o que é permitido e até incentivado por ele durante as gravações. Pode-se dizer que o roteiro manteve a aproximação narrativa com o texto literário, e embora o filme apresente características próprias em termos de criação artística, é possível aferir o trabalho de diretor como de grande consonância ao texto do romance, segundo o próprio Meirelles, a trama se passa em acordo com o livro não havendo alterações quanto aos personagens, espaços onde se desenvolve a ação, ou cronologia dos acontecimentos. Nota-se a atualização histórica para o contemporâneo diante do momento em que o romance foi publicado (SILVA, 2014).

Considerações finais

A obra literária, assim como a obra fílmica é responsável por levar ao leitor/espectador a possibilidade de contemplação da arte. As obras em questão, o romance de Saramago “Ensaio Sobre a Cegueira” (1995) e o filme dirigido por Meirelles (2008) com o mesmo nome no Brasil, entregam ao leitor/espectador diversas possibilidades de entretenimento e reflexão.

A adaptação pode ser realizada mantendo grande fidelidade à obra fonte, ou, uma adaptação de maneira “mais livre”. Mas ainda assim, sempre haverá muito do roteirista e do diretor na adaptação, porque o texto passa a ser outro. Faz-se uma

releitura. Ainda que se mantenha a essência da obra literária, é inquestionável que há a criação de outro texto, partindo de uma (re)criação, mas com novos objetivos, ainda que similares, porque a linguagem do cinema engloba não apenas o visual, como também a linguagem verbal e sonora.

A literatura e o cinema dialogam de maneira harmoniosa. No caso de “Ensaio sobre a cegueira” é possível afirmar que as principais ações são mantidas, sobretudo o do enredo (o mal branco, a falta de nome das personagens, o isolamento e a difícil convivência no manicômio, a pressão psicológica, etc.), estes que são os principais fatos da obra literária, permanecem em evidência no filme.

REFERÊNCIAS

COELHO, L. R. Ensaio sobre a cegueira: Espaços e gradientes sensoriais em Saramago e Meirelles. **Passagens**: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Comunicação Da Universidade Federal Do Ceará, 41-59. 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.ufc.br/passagens/article/view/1726>>. Acesso em: 12 março 2024.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA. Direção Fernando Meirelles. Roteiro: Dom McKellar. Produção: 02 Filmes, Rhombus Media, Bee Vine Pictures. Distribuição: Fox Filmes do Brasil. Duração: 118 min. E.U.A.: Twentieth Century Fox, 2008.

FRIZERO, R. **Cinema e literatura**: o que é adaptação cinematográfica. 2023. Disponível em : <<https://www.frizero.com.br/2023/01/30/cinema-e-literatura-o-que-e-adaptacao-cinematografica>>. Acesso em: 12 março 2024.

REICHMANN, B. T.; MENEGHINI, C. M. Fernando Meirelles: a recriação fílmica de Ensaio sobre a cegueira. Em: **Revista Ipotesi**. Juiz de Fora, MG, vol. 13, n. 1, p. 169-175, jan./jul. 2009.

RODRIGUES, F. L. F.; ZANINELLI, R. Literatura e adaptação cinematográfica: diferentes linguagens, diferentes leituras. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, 2009. Vol. VIII. Disponível em: <[literatura_adaptacao.pdf \(diaadia.pr.gov.br\)](http://literatura_adaptacao.pdf(diaadia.pr.gov.br))>. Acesso em: 07 abril 2024.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, F. P. **Blindness** - O ensaio sobre cegueira de Fernando Meirelles: a visão do realizador. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. 85 f.